Lutzenberger e a Preservação da Vida

João Gomes Mariante*

José Lutzenberger, não obstante sua ausência física, mantém uma presença construtiva e imanente entre nós. Sua morte contristou grande parte da população brasileira. Ele sem dúvida foi o destemido comandante da grande revolução verde. Mesmo diante de sérios obstáculos, como perturbações respiratórias e a presença de um enfisema pulmonar, conseqüência de um remoto tabagismo, jamais ensarilhou as armas.

É bem provável que se não fora esse distúrbio, o extraordinário ambientalista não teria contribuído tão prodigamente para a preservação da natureza. Ele foi um arauto do Instituto da Vida. Posicionou-se corajosamente contra o uso indiscriminado de poluentes e outros agentes que destroem a vida. Empreendeu uma luta tenaz contra a poluição das águas e enfrentou como ninguém o nefasto e criminoso emprego de substâncias tóxicas na agricultura Ele alinhou-se entre reduzido número de seres humanos que mantêma revalência das pulsões de morte sobre o sustento da vida.

Que modelo exemplar foi o ser humano Lutzenberger!Um dos aspectos que mais chama

a atenção em sua luta é a sua preocupação com a posteridade. Como cientista e poeta da natureza deixou realizações e exemplos, para que o verde continue a simbolizar a cor da esperança, como se

tivesse escrito num pergaminho de clorofila, na sua amada ‘gaia’, um poema de amor à vida. Daqui a milhões de anos, quando ‘voltar”, sentir-se-á recompensado pelo labor extra-ordinário e poderá contemplar a existência de exemplares animais e vegetais que sua ação preservou. Até lá certa-mente a história não terá registrado a ação de nenhum prócer político, com igual folha de serviços prestados ao seu país, como ele. O futuro poderá não ter ciência do trabalho de nenhum presidente, ministro ou qualquer autoridade, mas saberá que existiu um José Lutzenberger para que a própria história pudesse ser contada.

Em sua publicação ‘o livro da preferência – O Brasil do Terceiro Milênio”, ele transmite uma dimensão prospectiva, como se fosse viver milhões de anos. Dá-nos exemplos de uma grandeza suprema de valores renováveis. Até na morte defendeu o princípio que norteou sua trajetória, o deproteger a terra. Não suportou a ideia de ser confinado no espaço claustrofóbico de um ataúde. A inata cosmovisão como mais um dos seus predicados, deu-lhe uma dimensão de infinito, de autonomia e de liberdade.

Rechaçou uma tumba que limitasse os movimentos e cortasse a respiração. O que exigiu para sepultar-se foi o contato de seu próprio corpo com a terra, como se enviasse uma mensagem bíblica, para dizer a si mesmo, a aos coevos: “em vida defendi a terra, não será com a morte que irei degradá-la. E realizou o supremo desejo de amalgamar o corpo ao chão que foi seu berço. Revelou-se ecologista até na morte, dispensou assim, rituais e cerimônias dos sepultamentos tradicionais, para realizá-lo apenas com seu corpo, não confinado num esquife.

Destarte empreendeu simbolicamente a volta ao útero terráqueo. A fusão biológica terra-homem teria significado o zero ontogênico das espécies.Na sua junção com a terra, bilhões incalculáveis de microorganismos continuarão proliferando. Seu corpo, transfigurado numa unidade cromossômica, simbolizou uma missão procriadora como destinação telúrica, para fecundar a terra de onde a vida renasce.

Dr. João Gomes Mariante é Psicanalista e Escritor. Diretor do Jornal MenteCorpo

Saiba mais sobre José Lutzemberger